

Avanço da barbárie

FOTOS GUSTAVO DIEHL/SECOM



Na composição de imagens, as sedes da Fundação de Economia e Estatística e da Fundação Cultural Piratini, ambas em processo de extinção pelo governo do estado do Rio Grande do Sul

Francisco Marshall*

Em 21 de novembro de 2016, o governo Sartori anunciou um pacote visando extinguir nove fundações de desenvolvimento científico, cultural, educacional e técnico do Rio Grande do Sul, e deu início ao maior conflito entre conhecimento e barbárie na história da gestão pública do estado. Sem qualquer planejamento ou diálogo, revelando o desespero e a ferocidade dos fundamentalistas, este governo apostou na força de imagens ideológicas neoliberais e na ação de sua coordenação parlamentar, pronta a barganhar com uma Assembleia Legislativa (AL) subserviente e impor sem debates as medidas destrutivas que ora propunham, mas deu-se mal e perdeu a aposta, pois a reação da sociedade civil foi imediata, forte e unânime, rejeitando a proposta. O conflito estendeu-se, judicializou-se e segue aberto. Os que lutam pelo desenvolvimento através do conhecimento resistem diante de insensatos que nada querem, senão impor um receituário ideológico de todo improdutivo e irracional.

A UFRGS foi a primeira instituição a reagir por meio de nota emitida pelo Conselho Universitário em 25/11/2016 – quatro dias após o início desse ciclo de barbárie, que já dura um ano e sete meses. Diversos segmentos de nossa Universidade reagiram fortemente e associaram-se à sociedade civil e a autoridades de Estado na luta contra aquele infausto pacote. Realizaram-se audiência pública na AL, debates e questionamentos na imprensa, ao que o governo reagiu sempre da pior forma, sem apresentar justificativa razoável, apenas a determinação dos obtusos na realização de seu desígnio torpe. Está em jogo o destino de instituições fortemente propícias ao desenvolvimento em troca de retrocesso.

Que dizer da Fundação Zoobotânica, órgão coirmão de nosso Instituto de Biociências, fundamental para o estudo, a difusão científica e o apoio técnico na área das Ciências Naturais, atinentes ao meio ambiente, com desempenho de nível internacional? No campo arte-humanístico, que dizer do esforço bárbaro por destruir a Fundação Cultural Piratini, com suas emissoras de rádio e tevê, centradas na documentação e difusão de tudo o que se realiza em arte, cultura e educação neste estado, tema coberto apenas de modo periférico nas emissoras comerciais? Que dizer do ataque à Fundação Estadual de Pesquisa

Agropecuária (Fepagro), devotada, como a UFRGS desde suas origens, à otimização do desempenho agropecuário em um estado que, cada vez mais, tem neste segmento o seu principal desempenho? Que dizer da extinção da Fundação de Ciência e Tecnologia (Cientec), órgão de certificação tecnológica do RS, herdeira do Instituto Tecnológico do RS (Iters), incubado na UFRGS e primeiro ocupante do prédio onde hoje está nosso Museu Universitário? Todas as Engenharias e a indústria sabem da importância estratégica deste órgão. Que dizer da Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (Metroplan), fundamental para o planejamento e a racionalização da expansão ur-

o desenvolvimento do estado por meio da pesquisa e do conhecimento técnico aplicado, da ação cultural e educacional? Além da perda social histórica, a UFRGS pode perder muito com a desaparecimento de institutos com os quais temos forte complementaridade, visando à meta maior do desenvolvimento social.

Como todas as instituições, essas fundações têm seus desafios e devem buscar a superação e a eficiência administrativa. Para tais fins, o modelo jurídico que as preside, o estatuto das fundações, segue sendo o mais adequado, pois concilia a primazia do interesse público com maior dinâmica na gestão. Erra grosseiramente quem diz que é modelo superado, que deve ser abandonado em prol da vinculação das funções de cada fundação à administração direta; eis o oposto da prometida modernização, pois há imediata perda de potência administrativa e nefanda sujeição governamental, inclusive em sentido ideológico e partidário. A sociedade perde no colapso de funções importantes para o desenvolvimento, pois sabe-se, ademais, que não houve qualquer planejamento para a absorção das funções e acervos dessas instituições na administração direta, mas apenas o impulso de agressão destruidora.

O fato mais preocupante nesse drama é o triunfo da irracionalidade ideologizada; o governo do estado desdenhou com arrogância a lúcida argumentação apresentada pela sociedade civil, sem aceitar o diálogo mesmo com os intelectuais que cooperaram na elaboração do programa vencedor nas eleições de 2014, professores Claudio Accurso e João Carlos Brum Torres, quadros excelentes desta UFRGS, desmerecidos pela insensatez de políticos sem valor algum. Aqui iniciou-se a organização do mais amplo movimento de resistência construtiva da sociedade civil, agrupando artistas, intelectuais, jornalistas, cientistas, educadores e profissionais liberais, reunidos no coletivo ProsperArte, de forte atuação pública. Vivemos de produzir o conhecimento e oferecê-lo à sociedade. É uma ofensa à UFRGS o desdém a nossa função social e à consistência do que temos a dizer à sociedade. Esta campanha ainda não se encerrou, pois jamais nos conformaremos com o triunfo da barbárie; ainda há lutas e esperanças, pois zelamos por fundamentos, neste caso, Fundações.

“A UFRGS pode perder muito com a desaparecimento de fundações com as quais temos forte complementaridade visando a meta maior do desenvolvimento social.”

Francisco Marshall

bana na metrópole e no estado, área crítica da sociedade contemporânea? Que dizer da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH), responsável pela seleção e formação continuada dos quadros públicos? E a Fundação Estadual de Pesquisa e Produção em Saúde (FEPPS), estratégica em área de grande demanda social e domínio cartelizado da indústria farmacêutica internacional? Que dizer do ataque à Fundação de Economia e Estatística, a FEE, coirmã de nossa Faculdade de Economia, órgão essencial para o monitoramento socioeconômico do estado, e, como as demais fundações, com quadros técnicos altamente qualificados e desempenho exemplar, em que predominam nossos egressos? Que dizer de todo esse covarde ataque a institutos comprometidos com

*Professor do Departamento de História (IFCH), fundador do coletivo ProsperArte